



Editorial

A teologia prática, entre fronteiras e possibilidades

O presente dossiê enfoca *As fronteiras das violências e o papel inclusivo da Teologia Prática*. Isso demonstra que refletir sobre o fenômeno da(s) violência(s) nos permite compreender sua presença em diferentes esferas da sociedade, no que diz respeito à dimensão, ao alcance e ao grau de sua ação. Revela, ao mesmo tempo, que a palavra violência(s) não pode ser definida a partir de um único evento, mas do modo como ela se evidencia, manifesta e gera resultados no interior das relações humanas.

Com tal enfoque, este dossiê objetiva fazer diversas leituras do fenômeno da(s) violência(s) na perspectiva da Teologia Prática e oferecer pistas para uma prática pastoral interdisciplinar. O sentido atribuído à violência torna-se a tônica das investigações, uma vez que nele pode ser identificado o processo de fragilidade e barbárie que afetam direta ou indiretamente a vida do ser humano em sociedade.

É inevitável a constatação de que, desde a Antiguidade, a(s) violência(s) permeia(m) toda a história da humanidade, chegando aos nossos dias. Como processo, ela acompanha o desenvolvimento da História mostrando uma capacidade de adaptação aos novos tempos. A violência apresenta, ainda, um rosto multifacetado: torturas, genocídios, terrorismos, infanticídios, e outras variadas formas. Algumas de suas manifestações na atualidade — como mortes causadas por roubos, acidentes por trânsito, violência intrafamiliar (física, psicológica, negligência e sexual), sem esquecer a barbárie das guerras e a morte de crianças por fome e desnutrição — constituem paradoxos em face dos muitos avanços das Ciências e dos Direitos, desafiando nossa compreensão racional.

A violência reside entre o mal que tecemos entre nós: é neste mal que se encontra o fundamento originário da violência social, política, cultural e religiosa da sociedade. Deste modo, a violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, trata-o como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade e isso significa tratá-lo não como pessoa humana e sim como coisa. Tanto é assim, que o fenômeno da violência não pode ser compreendido quando se distancia do valor, da ética e da prática da justiça social.

Deste modo, a justiça social torna-se o valor a ser buscado na esteira do humanizar-se. Sua ausência possibilita o ato de infringir normas consensuais provenientes tanto das convenções culturais como do direito, e que se revelam como equalizadoras do convívio responsável, equilibrado e respeitoso entre homens e mulheres. Ao suprimir o valor da justiça, não há como pensar numa convivência para a alteridade.

Nesta acepção de justiça social é que se invoca a responsabilidade de cada ser humano na constituição de valores que se destinam à cultura da paz. Não a paz idealizada, mas aquela possível. E essa materializa-se no exercício de um direito. O direito de fazer e não fazer, como parte da livre escolha consciente de um determinado grupo social o que sinaliza para um viver ético. Trata-se, portanto, em pensar num retorno a uma prática fundamentada na ética.

Fala-se em crise de valores e na necessidade de um retorno à ética, como se esta estivesse sempre pronta e disponível em algum lugar e como se nós a perdêssemos periodicamente, devendo reencontrá-la. É como se a ética fosse uma coisa que se ganha, se guarda, se perde e se acha, e não a ação intersubjetiva consciente e livre que se faz à medida que agimos e que existe somente por nossas ações. Refletir sobre esse retorno é um caminho que se move em direção a um outro.

Neste sentido, a perspectiva da investigação do fenômeno da violência ou violências — devido à sua pluralidade de manifestações — provocada e denunciada pela ótica da Teologia Prática, possibilita construir caminhos que tentam buscar possibilidades de leituras num viés de princípios humanizadores, reconhecendo que a existência do ser humano traz

um valor inerente a ser primado no mundo da vida. Assim, o mundo da vida é o ponto de partida das análises tecidas.

O entendimento assumido aqui sobre a expressão mundo da vida não está fundamentado na concepção heideggeriana, mas sua acepção reserva semelhança com a ideia de um gerador de movimentos e expressões plurais, diversas e heterogêneas, que fazem parte de uma multiplicidade de campos do conhecimento e do saber. E nisso reside a beleza das investigações porque oferece uma visão interdisciplinar, que não se restringe apenas às fronteiras demarcadas pelo campo da Teologia Prática, mas de uma proposta dialogal que possibilita o dizer do outro a partir de seu espaço, seu olhar e seu estudo.

Compreendemos que as Igrejas e suas pastorais convivem em meio à atual atmosfera da violência generalizada. Como corpo da *oikoumene* cristã, temos dificuldade em lidar pastoralmente com isso. A pastoral pela paz e superação da violência deve inserir-se, de forma disciplinada, como “observadora participante” nas culturas contemporâneas, a fim de apreender seus legítimos anseios, suas esperanças e seu estado de espírito. É função da Teologia Prática mergulhar nas águas profundas e nos meandros da existência e da cultura humana e fazer dela os seus interlocutores. O que estamos ouvindo? Que sinais têm sido emitidos por nossos contemporâneos?

Assim, é possível dizer que é na diversidade de olhares que a compreensão do fenômeno pode ser ampliada, uma vez que possibilita o conhecimento de outras linhas de argumentação sobre o objeto investigado. Essa possibilidade aberta pelo conhecimento torna-se expressão do ato de pesquisa, uma vez que não se fecha sobre uma perspectiva, mas se dispõe a novos desafios e problematizações. Interessante ressaltar que mesmo diante de diferentes olhares dos campos de conhecimento sobre o fenômeno violência, é possível encontrar algumas aproximações sobre as considerações apresentadas pelos pesquisadores. Essas considerações partem do resgate do sentido de ser humano, ou seja, de sua identidade, existência e essência, mesmo que a isso sejam atribuídos termos diferenciados.

Outra questão que se apresenta nas reflexões dos pesquisadores é de demonstrar o fenômeno da violência como uma ação desvirtuante da moralidade. Isso implica em dizer que o não exercício da moralidade pode ser um elemento-chave para o entendimento da prática da injustiça e dos

comportamentos desviantes, na medida em que o sujeito não se reconhece a si mesmo e nem ao outro. A esse desvio, muitas vezes, são aplicadas as sanções sociais; mas até que ponto são elas eficientes? Isso pode ser objeto de novas reflexões.

Pode-se entender que as investigações sobre o fenômeno da(s) violência(s) não se esgotam, mas que sua discussão deve ser buscada, devido à sua complexidade e abrangência sociais. Não há como ficar inerte a tal fenômeno, antes é preciso assumir uma postura política comprometida com os valores da justiça. Essa ação na Teologia Prática é percebida como o exercício da voz profética, que anuncia e denuncia ações que ferem os princípios da vida, dos direitos e da dignidade humana.

Diante disto, o trabalho de Júlio César Adam “A paz de Cristo seja contigo! Uma reflexão sobre violência e liturgia no Brasil”, elege como objetivo refletir sobre a relação entre violência e liturgia, apontando tais pistas possíveis, no contexto brasileiro. Para tal proposta, o autor apresenta seus argumentos em duas partes. Na primeira parte do artigo, trata dos complexos meandros da violência, principalmente a violência no contexto brasileiro. Na segunda parte, reflete sobre a relação entre violência e liturgia. Por fim, conclui que há no culto cristão um potencial, não só para refletir sobre a violência e buscar deliberadamente alternativas a ela, mas, também, por ser o culto ação simbólico-representativa do Evangelho, ele possibilita à comunidade que o celebra uma experiência alternativa de vida.

O texto de Kátia Silva Cunha e Matheus Silva Cunha “Professores, violência e convivência social: por uma cultura da paz”, por sua vez, analisa o fenômeno da violência, principalmente quando esta ocorre no contexto da escola. Para fomentar este estudo, os autores partiram de uma revisão narrativa da literatura, priorizando artigos sobre a temática, além de informações trazidas por reportagens, acessadas diretamente nos sites. Iniciam a discussão afirmando que os atos de violência nos confrontam com o fracasso do projeto iluminista de humanidade, fazendo-nos crer que a barbárie é constituinte do humano e sempre esteve presente no berço da civilização moderna. Ressaltam que não há uma raiz isolada da violência, antes todas as supostas causas da violência são causas umas das outras. Por exemplo, desigualdade de renda está associada à baixa escolaridade, que por sua vez está associada a altas taxas de criminalidade. Após

articularem suas ideias, os autores concluem que o tema da violência em meio escolar não pode mais passar despercebido pelos formuladores das políticas e, finalmente, eles devem ser assumidos com compromisso e responsabilidade de um projeto humanizador.

O artigo de Gleyds Silva Domingues e Ana Carolina Silva Domingues, intitulado “Quem precisa de Direitos? O fenômeno violência em contraposição aos direitos e à moralidade cristã”, objetiva analisar o fenômeno da violência enquanto prática que se distancia dos direitos humanos e da moralidade cristã, o que evoca a necessidade de olhar para este fenômeno com cuidado, visto que por seu intermédio são estabelecidas suas fronteiras. A intenção a ser expressa sinaliza para a compreensão do fenômeno violência, a partir de uma moral cristã e humanizadora do sentido de ser pessoa. Isso sinaliza que cada pessoa é responsável por suas ações, julgamentos e escolhas, porque a moral faz parte de sua essência e *persona*. Nesse sentido, as autoras concluem que no exercício da voz profética é preciso declarar que o bem comum seja o alvo das práticas e ações sociais, pois se há o bem comum, com certeza haverá respeito e dignidade estendida a todos os seres humanos.

O artigo de Susanne Johnson “*Feminist practical theology and (un) making structural violence against immigrant women and families*” discute a exploração da construção da violência estrutural — especialmente como se refere à noção de Johan Galtung sobre o triângulo da violência. A violência estrutural, vista teologicamente como pecado social, é uma chave conceitual para a “visão crítica” de estruturas e políticas, sociais, jurídicas e econômicas, que impulsionam a imigração econômica forçada em primeiro lugar e, também, para expor o esquecimento moral e a cegueira que impede a igreja de oferecer hospitalidade e justiça a imigrantes não autorizados. A autora faz uma analogia do triângulo da violência com a ponta de um iceberg. Como resposta possível ao problema, a autora reafirma que a principal prática e disciplina dedicada a esta tarefa radical é a organização comunitária baseada na fé. Sua reflexão discursiva parte do olhar da Teologia Prática feminista que elege como ponto de partida e princípio crítico, a libertação, o bem-estar e o florescimento equitativo das mulheres e seus filhos e famílias, com particular preocupação com os que estão relegados à invisibilidade e à miserabilidade, ocupando posições inferiores na sociedade.

Na sequência, o artigo de Blanches de Paula “Um olhar pastoral sobre o luto e a violência” tem por finalidade, como diz o título, lançar um olhar teológico-pastoral sobre a relação entre violência e luto. Para tal intenção, a autora oferece caminhos introdutórios da relação entre violência e luto, relação esta que é possível quando se olha uma sociedade enlutada que precisa ampliar os espaços de escuta terapêutica do tratamento do agressor/a e o agredido/a. Isso porque a violência pode desencadear um processo traumático nas perdas, nos sentidos de vida e no senso de justiça. Por esse motivo, a defesa pela prática de justiça na relação entre luto e violência, não é somente a defesa do direito à vida, mas também ao de morrer com dignidade. Para tal, aponta como alternativa pensar numa Teologia da Reconciliação, como um caminho que pode ser construído quando se lida com o luto gerado pela violência, tornando esse um sinal de esperança.

O estudo de Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer sobre “A maldade dos homens se multiplicou sobre a terra: sobre o fenômeno da violência na Bíblia” tem por finalidade perscrutar, nas páginas bíblicas, se e como a violência é um fenômeno que acompanha o desenvolvimento e a história da humanidade. Para tal intento, os autores partem da ideia de que a violência aflora em situações muito distintas, desde formas de aplicação de força física bruta até a violência psicológico-simbólica contra pessoas, (des)iguais, especialmente contra mulheres e crianças, legalmente consideradas os elos mais frágeis na cadeia de relação dos humanos. Destarte, sinalizam que o contexto fundamental da violência ou seu exercício é a existência do ser humano em coletividade, muitas vezes na simples luta por sua sobrevivência individual ou coletiva. Este exercício da violência também se dá no contexto mais restrito, que é o da família, em suas formas variadas. Sobre estes aspectos, os autores tecem uma análise sobre episódios e passagens bíblicas e concluem que a Bíblia é perpassada por propostas que buscam interromper o círculo da violência. A proposta de transformar espadas em arados e lanças em podadeiras tem sido recepcionada em muitas situações em que a crítica à corrida e ao aparato bélico é convertida em proposta ou perspectiva de paz ou pelo menos de um mundo sem guerras.

Por sua vez, Abdruschim Schaeffer Rocha e David Mesquiati de Oliveira discorrem sobre “Teologia da missão e violência: Superar a violência interna e agir energeticamente contra a injustiça”. Os autores refletem a

partir de duas perspectivas, uma de cunho mais geral sobre a relação entre violência e religião e uma mais específica sobre a teologia da missão a partir da superação da violência na prática missionária. Com tal enfoque, Rocha e Mesquiati apontam os principais desafios para superação da violência na missão, sugerindo que tal superação inicie-se na própria estrutura das igrejas (internamente). Eles concluem que a saída a ser perseguida pela Teologia da Missão está em enxergar as próprias limitações e construir-se em fragilidade. Para tal, esta teologia deverá desenvolver a capacidade de servir à humanidade, de interpelar estruturas de poder, de partilhar e dialogar.

Por fim, o artigo de Ellton Luis Sbardella e Clélia Peretti sobre “Violência mitoeconômica e a urgência do testemunho cristão” objetiva apresentar a violência mitoeconômica a partir da perspectiva de René Girard (1923-2015) e refletir sobre a urgência do testemunho cristão. Para René Girard, o desejo mimético é a teoria sobre a forma como aprendemos a direcionar os nossos desejos. Segundo essa teoria, o *locus* de nosso desejo é o outro ou aquilo que o outro possui, porém é a partir de Cristo que as atitudes dos cristãos são ressignificadas. Por isso deve-se assumir a mesma atitude de Jesus, líder profético da Galileia que acolhia a todos, não desprezava os pequeninos e excluídos, andava com prostitutas e pecadores, falava de um reinado de Deus, onde todos eram iguais, insistia em um Deus diferente das leis religiosas de seu tempo, um Deus que habitava em cada um e não somente no templo, e que tratava os seres humanos como filhos, agindo e apresentando-se como um Pai. Os autores concluem sua investigação com o posicionamento de René Girard: apesar de a religião cristã ter mantido certos aspectos linguísticos e teológicos da mentalidade sacrificial em seus parâmetros e sentidos próprios, tem elementos originais (únicos em sua identidade religiosa) para superar a legitimação mitológica de violências contra a vida humana.

Em seu conjunto, tais pesquisadores e suas valiosas contribuições convidam-nos a refletir sobre as violências como fronteira da Teologia Prática, com vistas à promoção dos direitos, da dignidade humana e da paz. Importa dizer, ainda, que este dossiê nasceu de uma inquietação dos Grupos de Pesquisa coordenados pelos Programas de Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR e Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR — cujas investigações têm sido coordenadas pelas professoras Clélia Peretti

e Gleyds Silva Domingues — com Membros da Academia Internacional de Teologia Prática (IAPT-USA). Mais precisamente, a inquietação de percebermos o quanto a violência ela tangencia o olhar da Teologia Prática, à medida que se levantam discussões e problematizações sobre tal fenômeno.

Esperamos que este dossiê possa aguçar o desejo de novas pesquisas sobre essa temática tão inquietante e presente no contexto social, reconhecendo que por sua complexidade o campo se encontra aberto para reflexões e discussões, como também para ressignificações, discordâncias e releituras. Afinal, a pretensão inicial partiu da necessidade de anúncio-denúncia e que pode ou não ter se materializado, porém essa é a nossa contribuição, enquanto produtores de conhecimento e mais ainda, enquanto agentes conscientes de nosso papel político, educacional, social e pastoral.

Concluindo este número de *Pistis & Praxis*, temos dois artigos relevantes para o cenário religioso e ecumênico recente. Celso Gabatz discorre sobre as “Idiosincrasias Religiosas Contemporâneas” ao perguntar-se sobre “o lugar das mulheres nas igrejas neopentecostais” — como diz o subtítulo. De um lado, o autor constata que a busca pelo protagonismo feminino nas denominações neopentecostais é um fenômeno social em ato, com alcances na esfera pública; por outro lado, esta mesma busca encontra resistências por conta da cultura patriarcal e outras questões de gênero presentes nos meios denominacionais e na sociedade em geral. Enquanto soma sua opinião ao debate, Gabatz sinaliza que as novas formas de subjetividade feminina e a construção de identidades de gênero estão ligadas à participação das mulheres e ao seu carisma pessoal, agregando valor no combate a relações assimétricas entre os gêneros.

Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek encerra este número, com seu artigo sobre os “Traços pagãos no discurso da Teologia da Prosperidade”. Partindo dos estudos de Erich Auerbach sobre a alegoria e o modelo figurado da interpretação bíblica, Dusilek analisa o chamado “discurso da prosperidade” e apresenta sua constatação: há um contraste entre as nuances bíblicas de estruturação de personagens e expressão do Sublime, de um lado, e os argumentos discursivos da Teologia da Prosperidade. Tal contraste se faz notar em vários elementos, mais próximos da religiosidade do paganismo do que da fé cristã bíblicamente proposta. Ao ensaiar sua

crítica, o autor deixa-nos uma indagação: o que cresce no Brasil é o cristianismo ou o paganismo?

Como já acenado antes, esta é mais uma interrogação no elenco de questões/inquietações abordadas nos artigos deste número. Esperamos que você, leitor e leitora, se inclua no debate a partir desses textos, levando à práxis cotidiana as contribuições aqui publicadas.

Clélia Peretti – PUCPR

Gleyds Silva Domingues - FABAPAR

Marcial Maçaneiro – PUCPR